PINI
EDITORA

Ano 7
Dez 90/Jan 91
Cr$ 480,00

au
arquitetura urbanismo

33

EDIFÍCIO TERRA BRASILIS: UMA ALEGORIA À CIDADE

HABITAÇÃO

A PROCURA DE NOVAS POLÍTICAS, DESENHOS E TIPOLOGIAS PARA A MORADIA

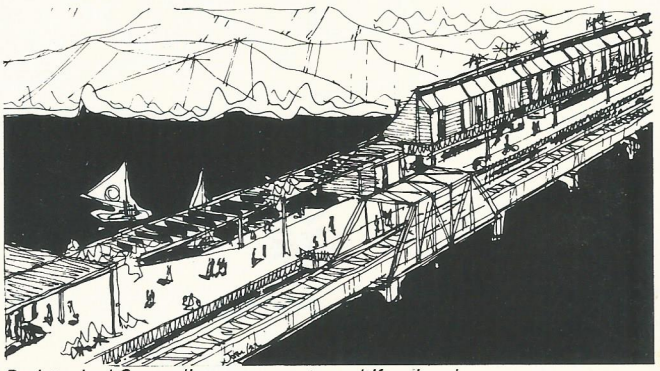
EM SÃO PAULO, BELO HORIZONTE, CÓRDOBA, HAIA E SEVILHA

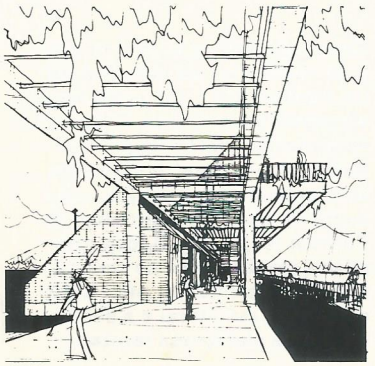
PRÊMIO BRASILIT

UTOPIA E REALIDADE

Em solenidade que reuniu empresários do setor da construção civil, engenheiros e arquitetos, foram anunciados os finalistas do V Prêmio Brasilit de Arquitetura, cujas propostas se desenvolveram em torno do tema "Crise habitacional — utopia e realidade".

Miguel Pereira falou em nome do IAB congratulando-se pela iniciativa que vem possibilitando o diálogo entre os profissionais de Arquitetura e a indústria, na busca de soluções de qualidade para a moradia. E o presidente do Conselho de Administração da Brasilit, embaixador Pio Corrêa Jr., lembrou que o "PBA se mantém inovador por tantos anos, perseguindo um mesmo tema, apesar de suas variações: o abrigo do homem".





Projeto Joel Campolina: uma ponte multifuncional

As propostas

Diante da diversidade de propostas, o júri — composto por Carlos Fayet, Décio Tozzi, Luiz Paulo Conde, José Neudson Braga e Pedro Paulo de Mello Saraiva, além do consultor José Carlos Ribeiro de Almeida — levou em conta, principalmente, os critérios de "qualidade, singularidade e coerência de proposição" na avaliação dos 33 trabalhos inscritos.

A equipe premiada (Humberto Magalhães Carneiro, Heloisa Gama de Oliveira, Marília Dalva Magalhães Carneiro e Willian Sidney) pesquisou tipologias de habitação nas periferias e, a partir delas, desenvolveu alternativas racionalizadas de moradia (veja as propostas nesta edição).

Evocando o "Teatro del Mondo" de Aldo Rossi, o gaúcho Maurício Azubel apresentou projeto de apoio às localidades carentes situadas às margens dos rios e lagos do Rio Grande do Sul, com a construção de uma barcaça (chata) rebocada. Os espaços, que devem abrigar biblioteca, teatro de arena e mostra de Arte, poderão ser reciclados e utilizados como abrigo ou unidade de atendimento à população em casos de emergência, como inundações.

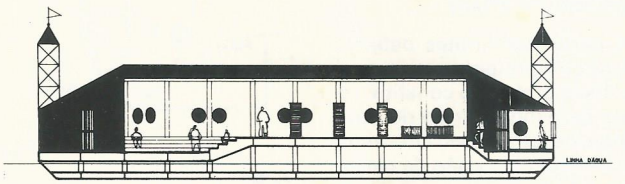
Revendo alguns mitos a respeito da política de habitação popular no Brasil, como a crença de que a pré-fabricação barateia os custos, a equipe (Christiane Lemos Ammon, Dayse B. de Araújo Gois, Demetre B. Anastassakis, Léa Anastassakis, Pedro Motta Lima Cascon e Sônia A. Le Cocq D'Oliveira) aponta outros caminhos. O trabalho, cuja síntese publicamos também neste número, "é uma tentativa no sentido de se buscar saídas concretas para a carência de moradias".

Joel Campolina, por sua vez, propõe uma ponte multifuncional (acoplando passagens para pedestres, veículos, além de habitações para pescadores), que reduz o percurso entre São Vicente e Samaritá, no litoral Sul paulista. Com isso, pretende-se evitar a invasão imobiliária da margem oposta a São Vicente, preservando-se o ecossistema natural.

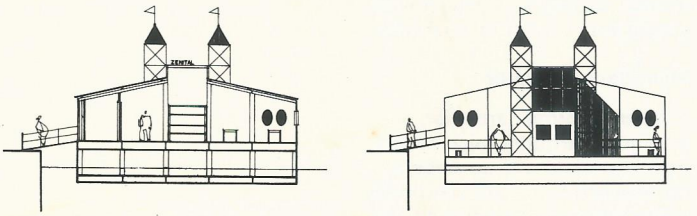
Medidas de saneamento ambiental, drenagem de lotes, agenciamento de ruas, tratamento de esgotos, programas educativos são alguns sistemas sugeridos para a qualidade de vida de uma comunidade formada principalmente por pessoas vindas da lavoura. O trabalho pertence à equipe formada por Eunice Rauen Vianna, Miguel Ostoja Roguski e os colaboradores Carlos A. Guilen, Celso Baptista, Julian Carlo Fagotti, Manoela da Costa e Waldemar Volanski.

E Maria Cristina Schichi revê procedimentos para o estudo e definição de projetos de espaços habitacionais. A partir de estudos em áreas periféricas de São Paulo, apresenta quatro níveis de definição, ou seja, o traçado urbano, as hierarquias formais, a subdivisão dos lotes, e finalmente, as regras de conformação espacial e seus desdobramentos.

JW



Projeto Maurício Azubel: um "espaço" flutuante



EXPO'92 **— Todos os caminhos conduzirão a Sevilha, capital de Andaluzia, em 92, quando será realizada — de 20 de abril a 12 de outubro — a Exposição Universal de Sevilha-EXPO'92, em comemoração aos 500 anos do descobrimento da América.**

Situada numa área de aproximadamente 3 km², numa "ilha fluvial" — La Cartuja —, criada com a retificação do rio Guadalquivir, a feira, o último grande evento internacional deste século, deverá reunir representantes de todo o mundo, entre eles, o Brasil, cujo Pavilhão surgirá de um concurso nacional lançado oficialmente pelo IAB e Itamaraty. O Pavilhão brasileiro será construído numa área privilegiada, ao lado da representação de Portugal e do Vaticano.

Concurso exemplar **— Apontado por Pedro Cury, presidente do IAB paulista, como um dos fatos mais significativos na área habitacional, o concurso "Núcleo Urbano de Campinas" já tem seus vencedores: a jovem equipe de Marcelo Antoniazzi e Eliane Guedes (SP) e o consagrado arquiteto carioca Maurício Roberto, que vão desenvolver um trabalho consorciado. O projeto, em sua 1ª fase, prevê a construção de 10 mil unidades, até se chegar às 60 mil previstas para abrigar cerca de 300 mil pessoas.**

Segundo Cury, o concurso promovido pela Cohab campineira — que registrou 59 equipes participantes — comprova, enfim, "a possibilidade de se construir moradias de baixo custo, com qualidade".

Com propostas ou alternativas estruturais que traduzem racionalmente tipologias e formas de morar populares, os arquitetos Humberto Magalhães Carneiro, Heloisa Gama de Oliveira, Marília Dalva Magalhães Carneiro e Willian Sidney vencem a 5ª edição do Prêmio Brasilit de Arquitetura, cujo tema foi "Crise habitacional — Utopia e Realidade". Neste depoimento à AU, eles desenvolvem os conceitos básicos do projeto, onde o espaço privado está sempre conectado ao coletivo: a cidade, o social e a cultura.

"NOVAS TIPOLOGIAS"

CONJUGANDO A CASA POPULAR

PRÊMIO BRASILIT

Pensar a utopia, habitar a utopia? "Habitar a utopia seria pensá-la plenamente. Pensar a utopia seria habitá-la plenamente, aqui e no presente." Adequada ao tema do concurso — habitação, utopia e realidade —, essa frase orientou toda a discussão dos arquitetos mineiros em torno das diretrizes determinantes do projeto.

Um projeto cuja intenção é traduzir, fundamentalmente, *desígnios*, formas ou tipologias de morar praticadas pelas populações que vivem nas periferias urbanas. O morar em seu sentido mais pleno que "não se restringe à casa, mas o habitar que se articula com o comércio, os serviços, os espaços de convívio" — a casa em sua dimensão urbana. A casa (espaço privado) em relação à rua (espaço público). O imaginário.

O próprio memorial deixa bem claro essa intenção projetual, quando assinala que "o enfoque central do projeto prioriza uma postura contextualista, enfatizando e valorizando as vinculações e a pertinência ao meio urbano e a um local determinado". Dessa forma, entende-se o assentamento "como um pedaço da cidade, como um bairro que a ela se incorpora, como uma parte que reflete o todo — uma parte que contém parâmetros e propriedades que a identificam com um contexto maior".

Ao propor a ocupação de vazios urbanos numa periferia, a equipe se preocupou em "captar a linguagem da vizinhança, do que acontece nas proximidades, criando uma ligação entre o existente e o novo", representado por um "novo desenho" calcado nas tipologias populares. Como profissionais da Arquitetura, eles procuram racionalizar o que é espontâneo, estimular uma "convivência aberta e democrática", e também propor uma estética — elementos que vão reger a proposta, onde a expressão individual está sempre atrelada à expressão coletiva.

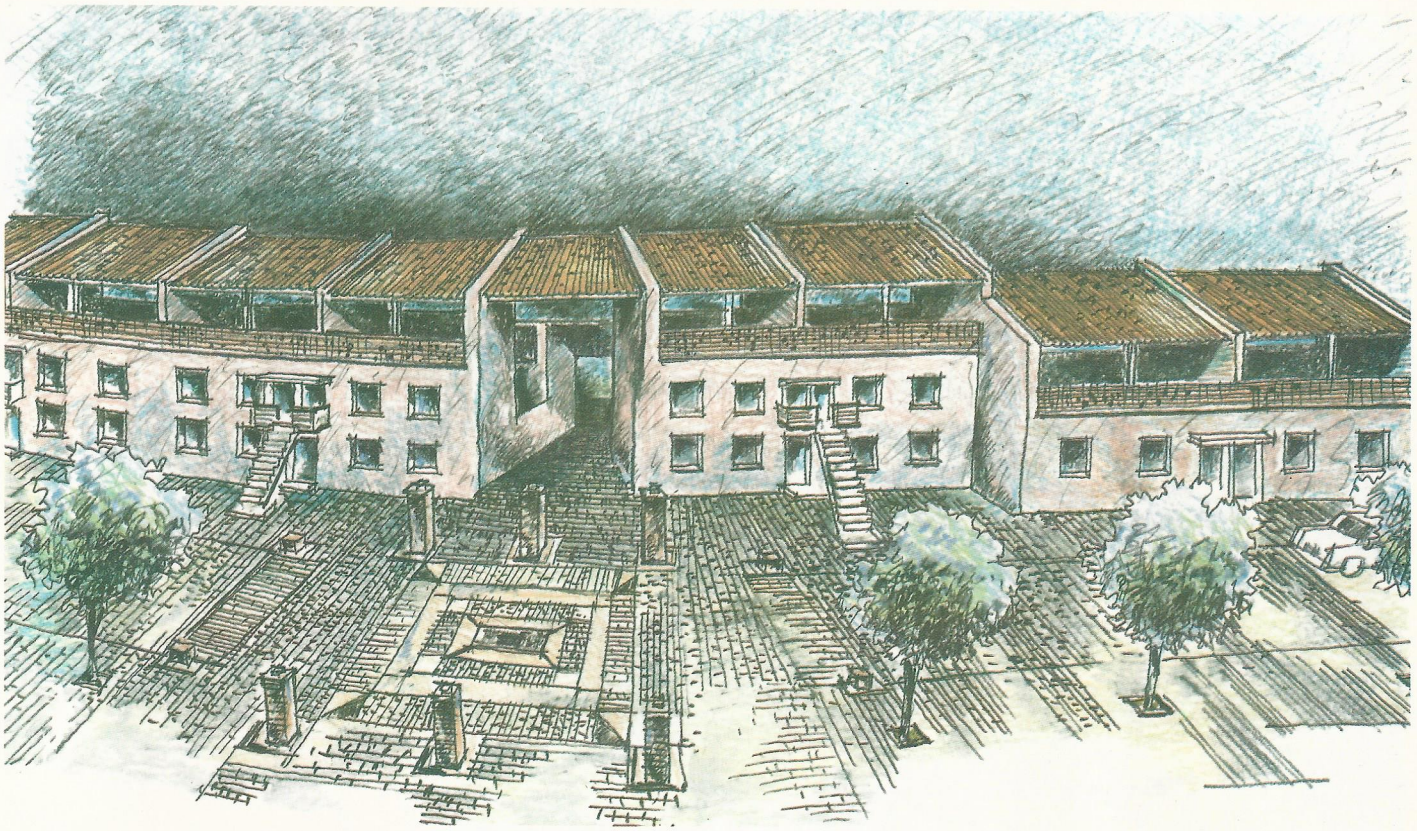
A soma de experiências

"Aprender com o próprio trabalho." O comentário resume a fase operacional do projeto. Na verdade, como dizem, "foram muitos anos", pois "esse trabalho significou a soma ou confronto de várias experiências anteriores". Ou seja, foi um longo aprendizado até que se decidiu formar uma equipe para participar do concurso.

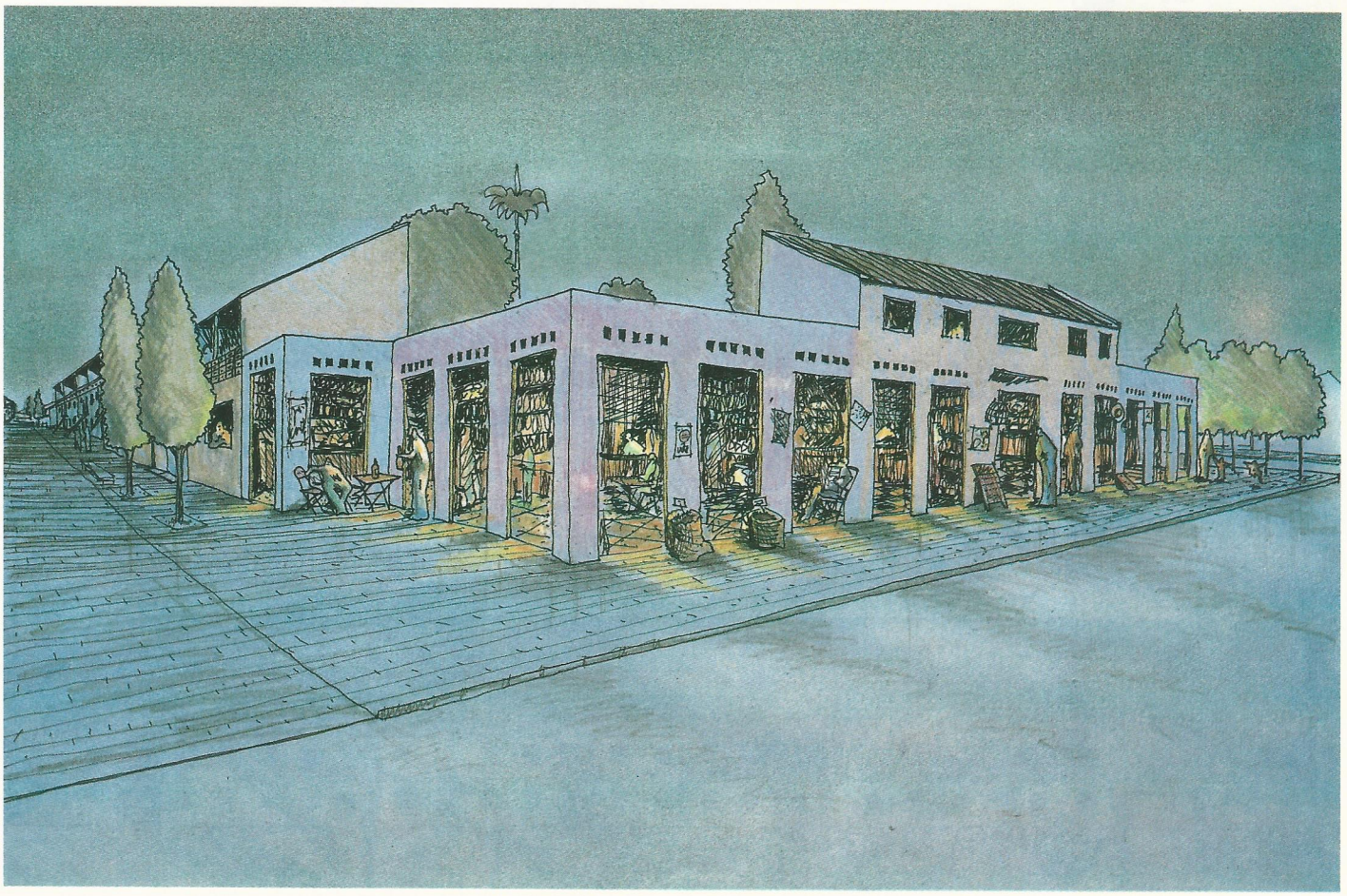
Humberto Magalhães, por exemplo, havia coordenado um vasto programa de habitação popular para a prefeitura do Recife. Heloisa participara de experiências na área de autoconstrução e de trabalhos com comunidades em Belo Horizonte. Marília, por sua vez, trabalhou com urbanização de favelas e associações de moradores em Divinópolis, como arquiteta da prefeitura, e Willian, além de uma pesquisa sobre Nova Ponte, cidade que deve ser inundada, participou também do programa Minas-Casa. "Aqui — comenta ele — acontece o oposto do que fizemos; lá existia uma única tipologia para qualquer tipo de terreno." O concurso, enfim, permitiu a esses arquitetos repensar suas experiências, além de retomar a discussão de um tema que, desde a extinção do BNH, estava quase de escanteio.

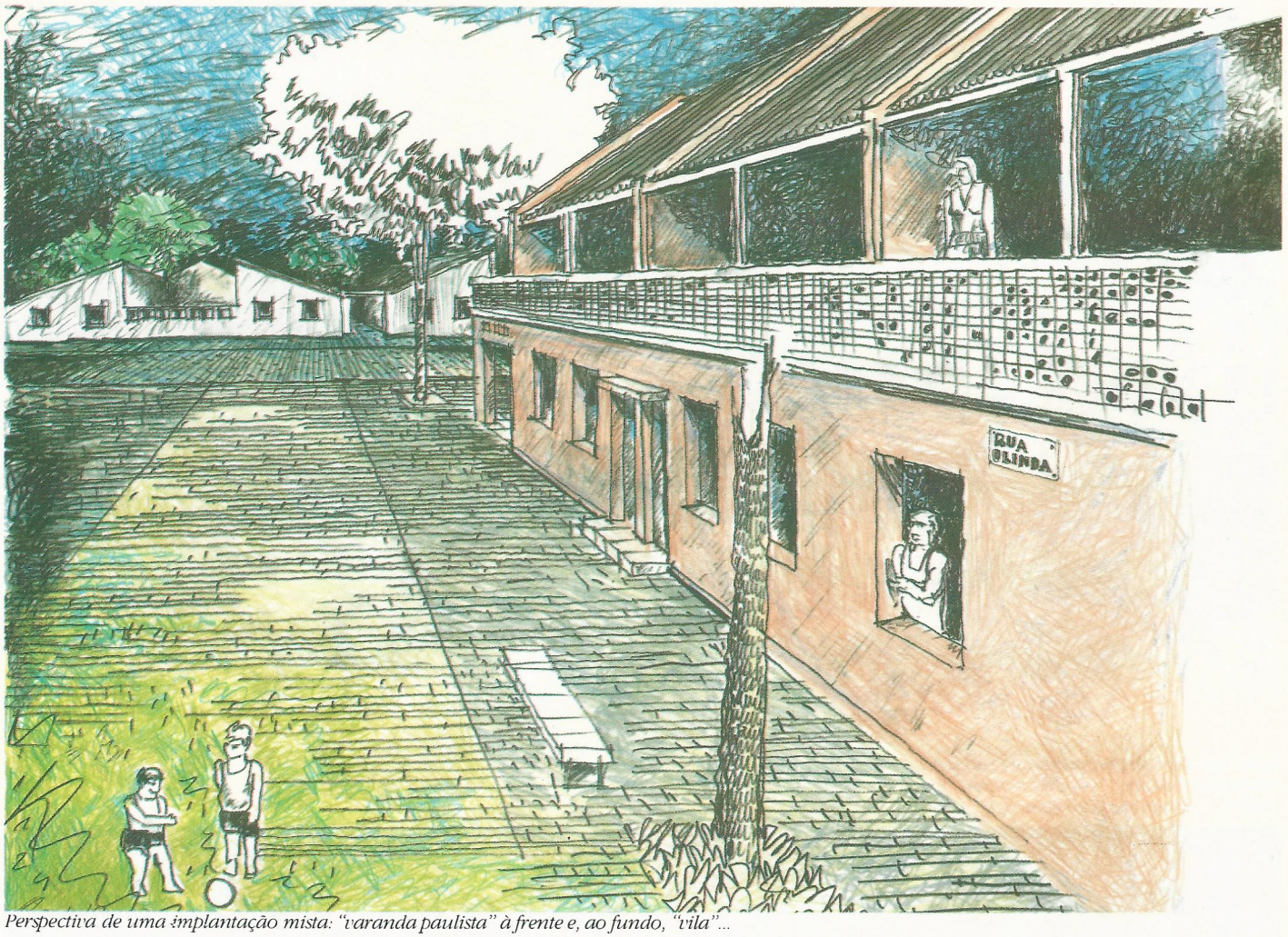
A sintaxe do projeto

Antes de tudo — esclarecem os participantes — "procuramos estabelecer uma sintaxe entre tipologia habitacional e morfologia urbana. O centro do trabalho é basicamente esse. Escolhemos, portanto, uma área, um vazio urbano e tentamos trabalhar dentro dessa área. Como havia uma diretriz no sentido de se trabalhar com tipologias habitacionais, fizemos inicialmente uma leitura dos tipos, das maneiras do pessoal morar junto à periferia de Justinópolis, na região metropolitana de Belo Horizonte. Esse levantamento serviu de *background* de todo nosso trabalho".

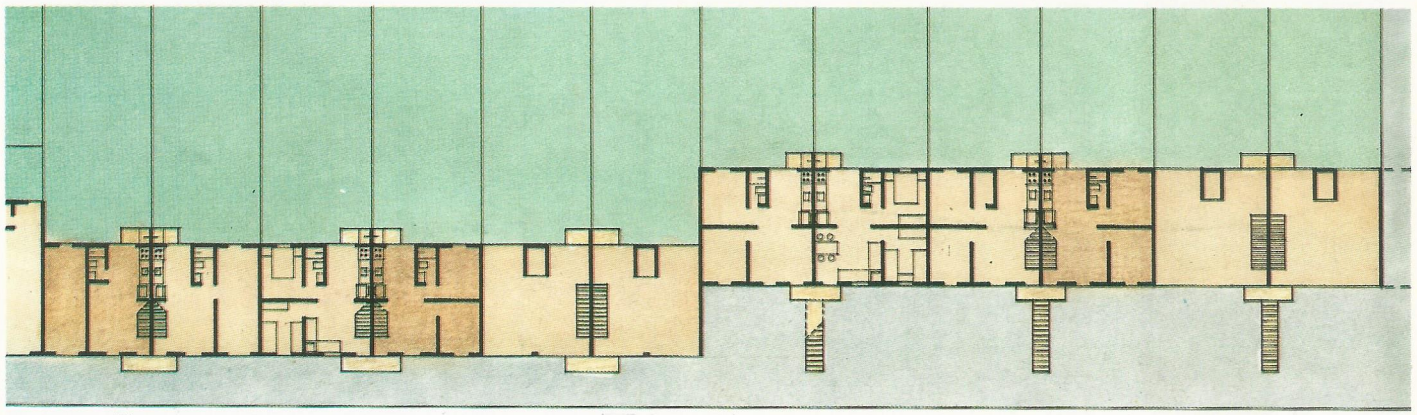


Aqui, exemplos de propostas elaboradas pelos autores: acima tipo "varanda paulista" e, abaixo, "sobradinho com comércio"...



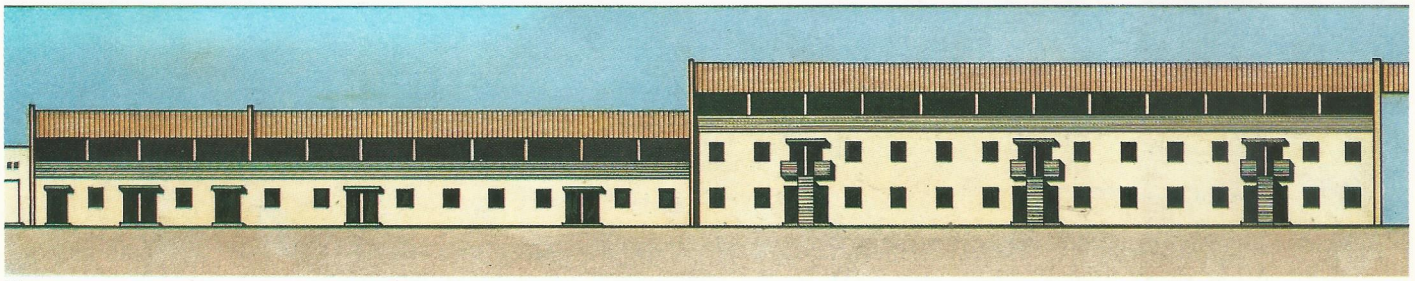


Perspectiva de uma implantação mista: "varanda paulista" à frente e, ao fundo, "vila"...

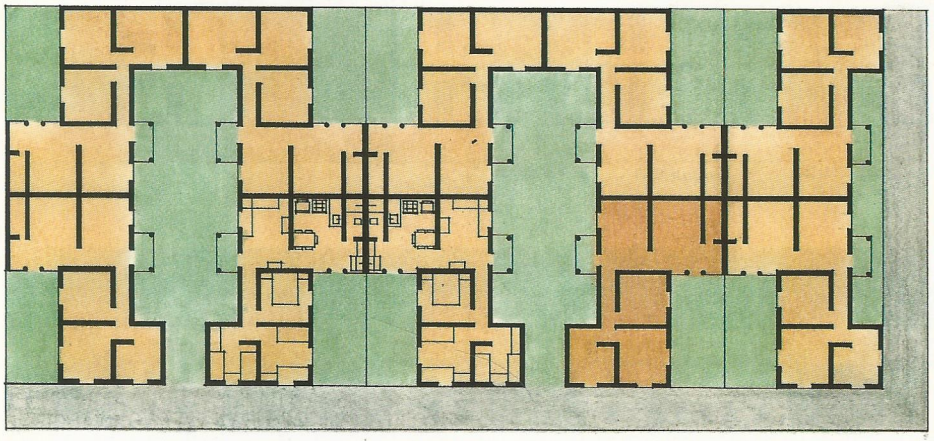


Térreo 1 ◆ *Térreo 2* ◆ *1.º pavimento* ◆ *2.º pavimento* ◆ *1.º pavimento* ◆ *2.º pavimento*

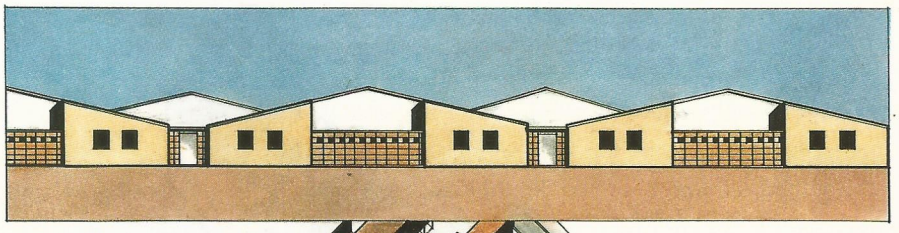
Planta



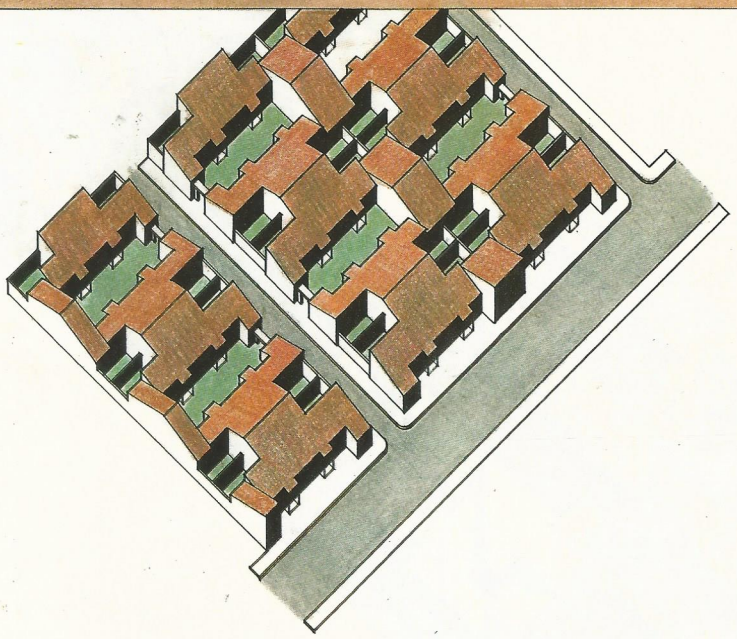
Vista



Planta



Vista



Heloisa já havia feito, através da Escola de Arquitetura, um levantamento completo sobre a parte funcional, a organização dos espaços, o aproveitamento dos lotes. Coube, assim, à equipe, complementar esse trabalho, fazendo um levantamento fotográfico, de imagens, dos tipos que encontrou, da maneira como a população misturava, por exemplo, comércio com habitação. "Isso nos interessava de perto — ressalta Humberto — porque havia, dentro de nossa proposta, a intenção de *miscigenar*, de fazer um partido habitacional mais livre, dinâmico, interligando o espaço público e privado."

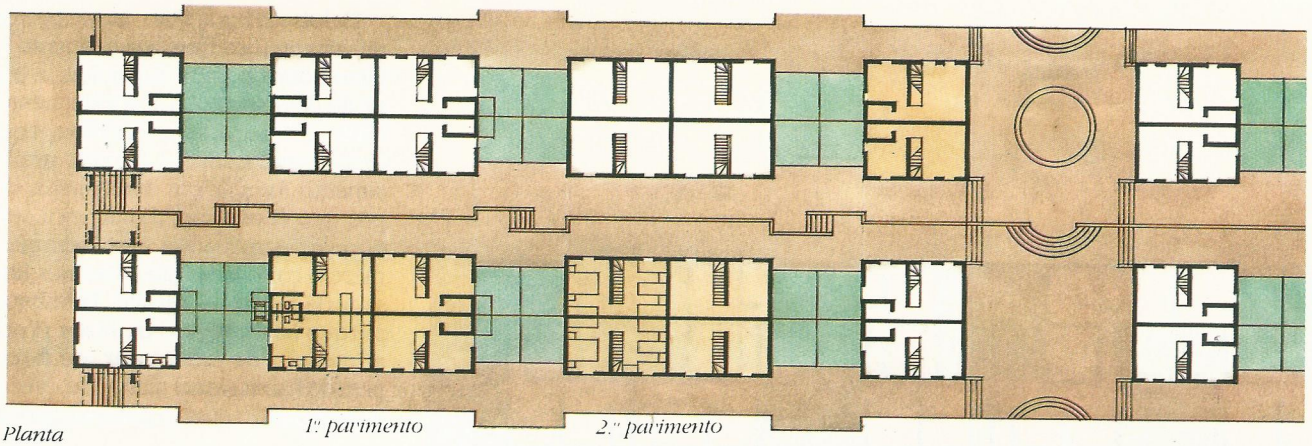
Alternativas estruturais

A partir desse levantamento são identificados cinco tipos ou alternativas de morar praticados pela população. "As tipologias adotadas, portanto, se baseiam não em simples critérios de classificação mas na análise de uma situação concreta, no repertório de tipos levantados na localidade." Seguindo o "memorial" completado pelo depoimento à *AU*, podemos situar cinco propostas estruturais básicas correspondentes às tipologias pesquisadas. Ou seja:

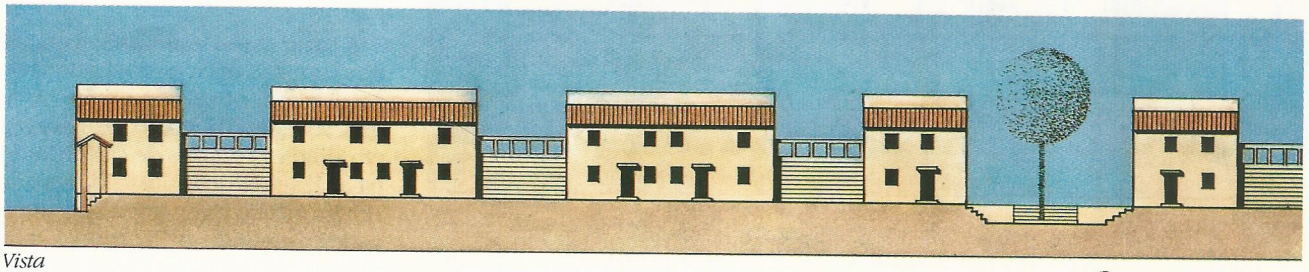
• *Varanda paulista* — A casa com terraço coberto. Inspirada no modelo popularmente conhecido como "varanda paulista", uma estrutura de unidades habitacionais formando uma única edificação linear voltada para a rua. São dois pavimentos, cuja cobertura forma um elemento contínuo. Como variação, tem-se a opção do apartamento situado no 2º pavimento, cujo acesso se faz diretamente pela rua, ou a casa mista, conjugando casa em cima e comércio no térreo.

Dentro de critérios econômicos, os lotes são de 6 m de largura x 25 m de comprimento. As casas, com "paredes-meia", podem ser construídas por etapas, primeiro embaixo, depois ampliadas em cima de acordo com as necessidades e possibilidades do morador. Como elemento definidor da forma urbana, quadras polivalentes funcionam como espaço de convivência e comunicação com a rua.

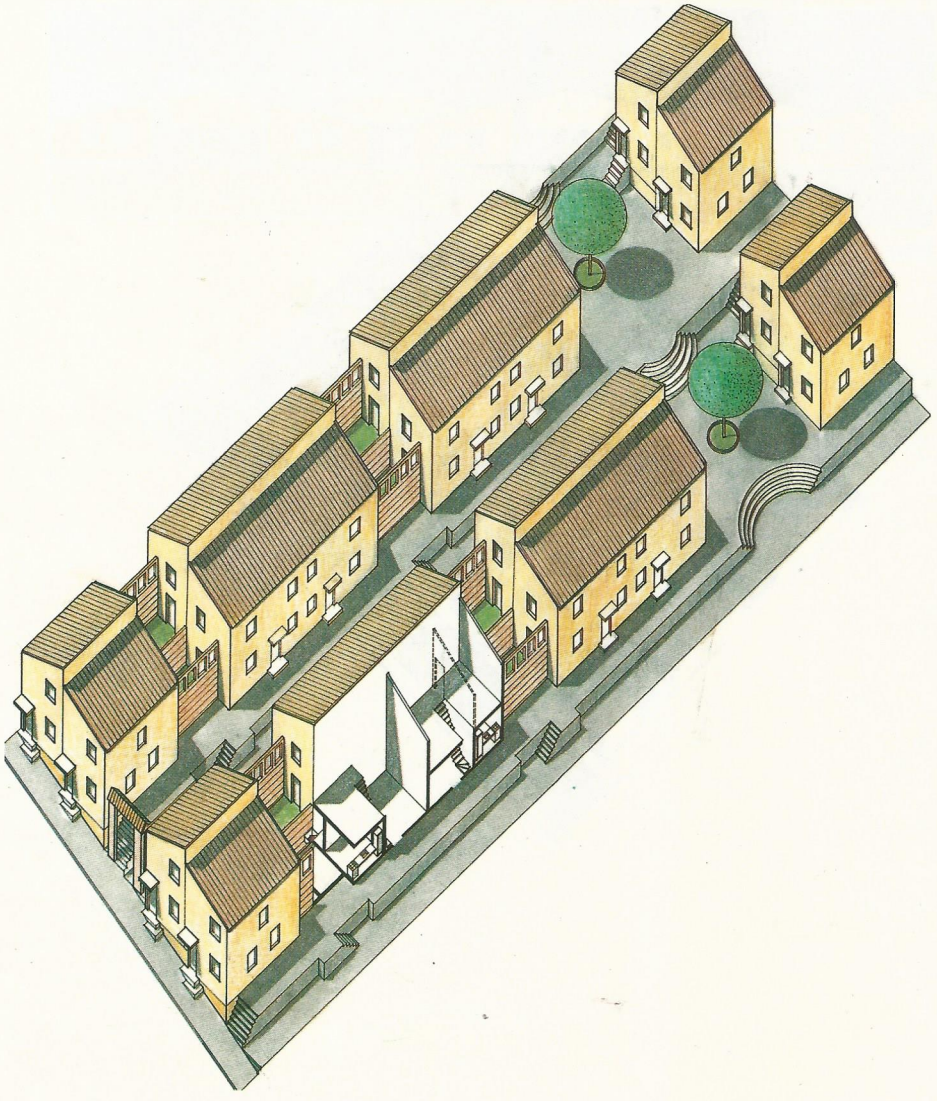
• *Vila* — Várias unidades agrupadas no mesmo lote, muito comum nas periferias. Ou seja, um pátio com barracões distribuídos em volta. Racionalizando, a equipe propõe um arranjo de quatro unidades conjugadas em torno de um pátio central. Cada casa com sua varanda que funciona como elemento de transição e de personalização e, na parte posterior, um pequeno quintal (área externa privada). A composição configura um tecido dinâmico, alternando espaços comuns e



Planta *1.º pavimento* *2.º pavimento*



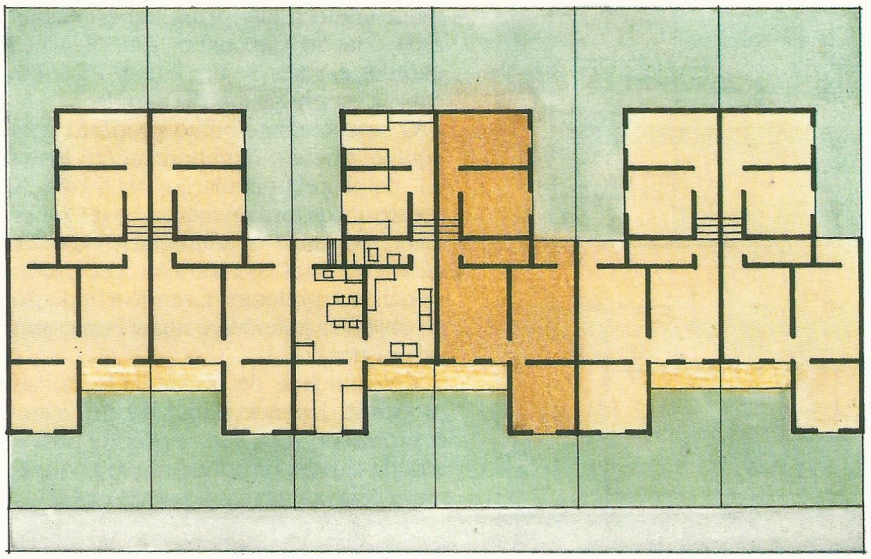
Vista



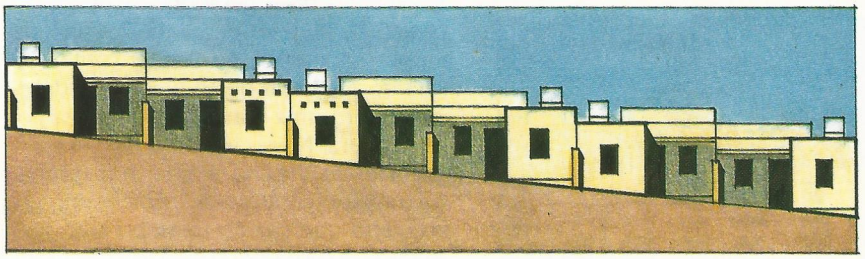
privados, o que resulta num desenho que possibilita a otimização da ocupação e melhor aproveitamento das condições ambientais.

• *Bom será* — São casas duplex estruturadas no modelo "correr de quartos" ou "bom será", uma espécie de pequenos cortiços também muito comuns na periferia. Basicamente, é um arranjo em linha de "cômodos" ou uma fileira de habitações estruturada ao longo de uma das laterais do lote. A equipe aproveitou o esquema básico estrutural, mas otimizado em termos de economia e ocupação, através de uma tipologia de quatro moradias duplex geminadas em cruz. Aqui, o desenho urbano é configurado a partir de "alas" que se sucedem acompanhando a topografia do terreno, o que permite melhor aproveitamento para terrenos em declive.

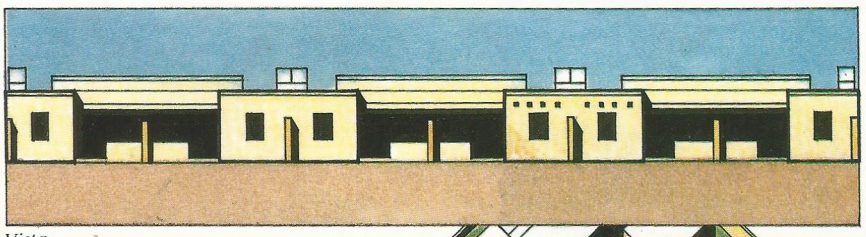
• *Caixotinho* — Casa térrea, recuada, um tipo pesquisado também na localidade, conforme mostra a equipe, compondo uma única edificação no lote, com quintal nos fundos e cobertura em laje plana. O "tipo caixotinho" deu origem à proposta de uma estrutura de casas térreas com áreas de transição para a rua, com uma organização urbana mais próxima da tradicional, ou seja, quadra/lote — jardim/casa/quintal.



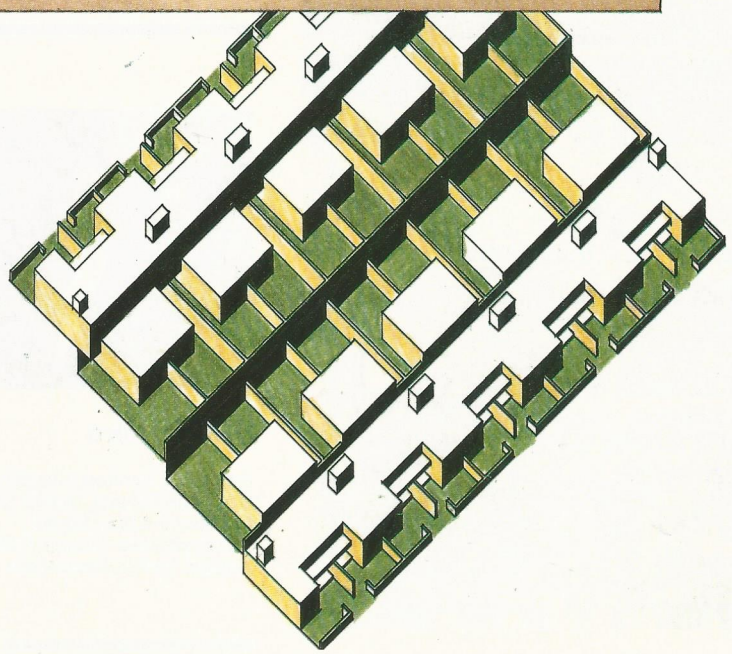
Planta



Vista



Vista



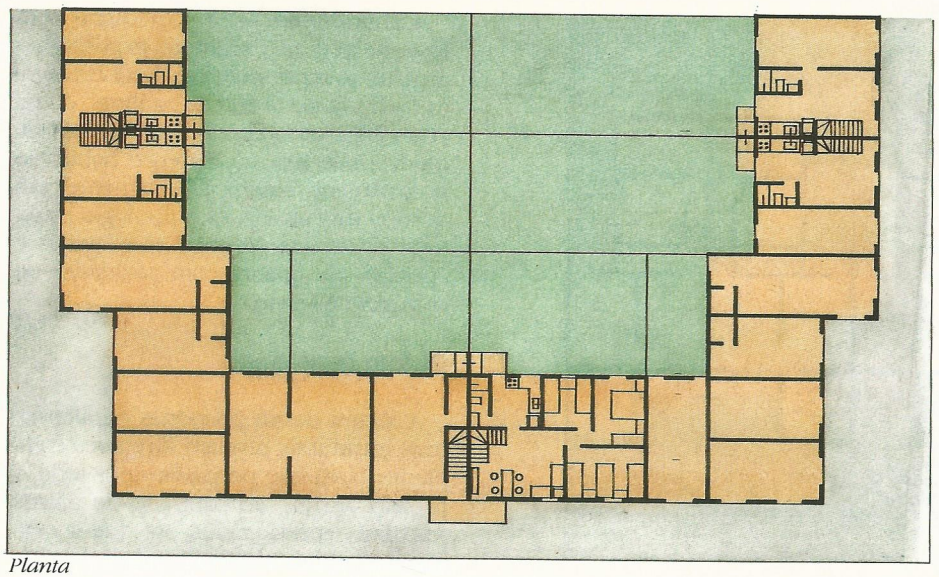
• *Sobradinho* — O sobradinho com lojas de esquina, segundo explicam os arquitetos, representa um desdobramento da tipologia "varanda paulista" ou da "casa com terraço coberto", através da modalidade loja no térreo e habitação no pavimento superior. Juntamente com as lojas de esquina, essa tipologia estrutural possibilita resolver as esquinas e "pontas" de quadra com atividades de comércio e serviços.

Objeto conjugado

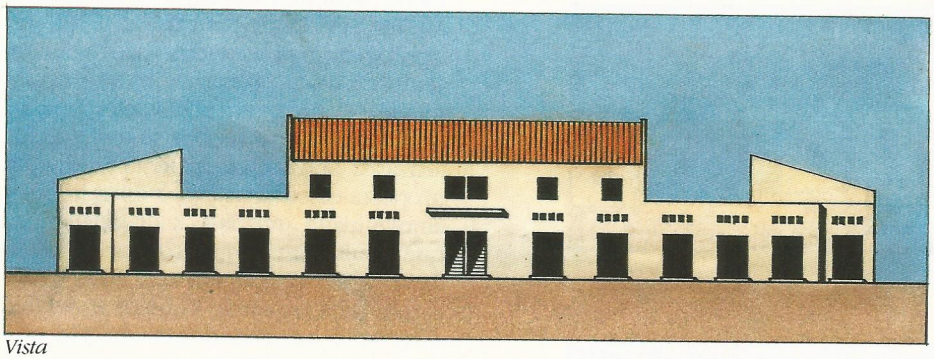
A leitura dessas propostas ou alternativas estruturais revelam diretrizes complementares que perpassam por todo o projeto. Assim, "ao contrário de outros trabalhos apresentados em que a casa mantém aquela imagem romântica da 'casa burguesa, com jardinzinho', em nossa proposta a casa nunca é tratada isoladamente, sempre é um *objeto conjugado*". Mesmo nos casos em que se partiu de tipologias mais isoladas, procurou-se sempre a soma. "Percebemos que, geralmente, nos projetos de habitação popular tradicionais por mais que se tente caracterizar o objeto isolado dentro de uma proposta coletiva, acaba-se criando uma ambigüidade, uma falsa individualidade, que resulta num simulacro. Por isso, preferimos um tratamento que fosse realmente uma habitação coletiva e dentro do coletivo, valorizando também a identidade, a personalização. As propostas arquitetônicas, numa didática profissional, oferecem várias alternativas ao morador; dificilmente ele vai fugir de certas conformações em relação ao desenho coletivo, áreas de iluminação e ventilação, mas mantém a liberdade quanto à distribuição dos espaços interiores."

A cozinha aparece como um elemento fundamental. "A relação da cozinha com a sala apresenta uma articulação muito forte, podendo estar conjugadas e, em alguns casos, separadas por um balcão. A cozinha, na verdade, é o ponto de convívio da família. O quintal também é a extensão da casa, o lugar dos serviços e, às vezes, do lazer. A janela, por sua vez, é o elemento de comunicação direta com a rua. "As quadras também. Elas são tratadas como unidades urbanas básicas. "A quadra tradicional, em geral, se coloca na paisagem para fora. Aqui, ela adquire referências dialéticas — funciona para dentro e para fora, para a rua e para o espaço interior, como cenário da configuração dos corredores circundantes."

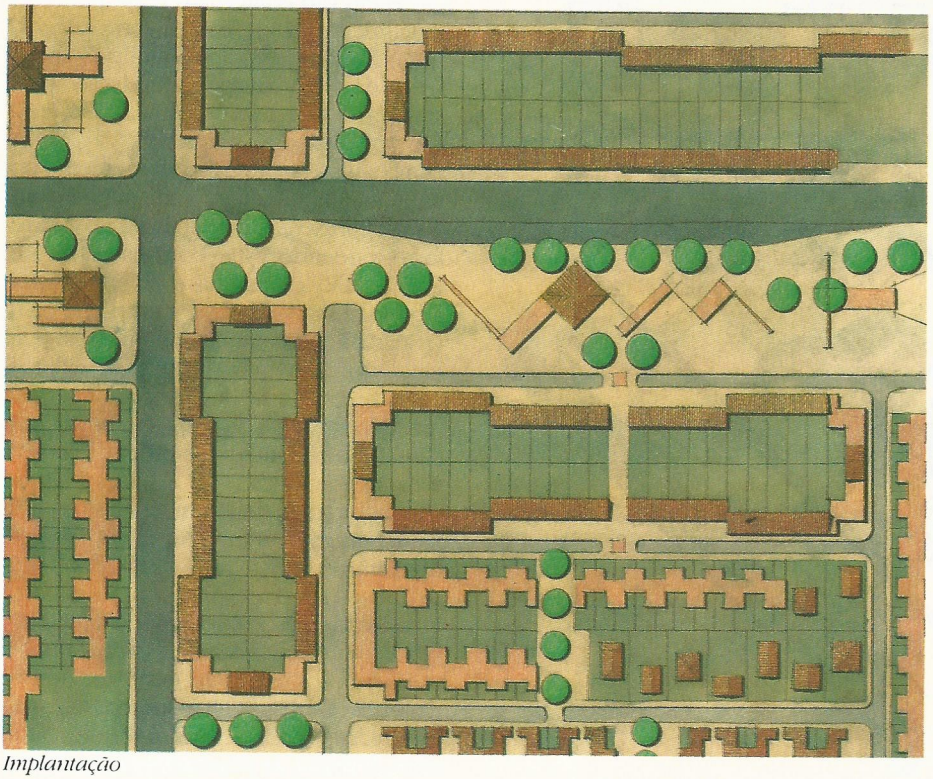
Quanto aos materiais, "usamos sempre material ou tecnologia convencionais, tijolo furado, amianto na cobertura ou a telha de barro. As populações da periferia



Planta



Vista



Implantação

usam muito a laje plana impermeabilizada, o tal do 'caixotinho', sobem quatro paredes e, como se diz, batem a laje em cima, à espera de um dia ampliar".

O assentamento-piloto proposto pela equipe reflete o "comportamento estético" da própria população, sua forma de construir, de ornamentar a casa. "Quer dizer, pegamos os elementos espontâneos e tratamos isso sob a ótica do profissional da Arquitetura, fazendo a tradução do objeto arquitetônico numa linguagem urbanística."

A viabilidade de implantação dessas propostas depende, enfim, de um "agente promotor", que seria a própria prefeitura da cidade, uma fundação ou cooperativa e até algum sindicato de classe.

Sentido da utopia

Ao final do depoimento, os arquitetos retomam a frase geradora da discussão projetual, para se deter na questão da utopia. "A utopia, no fundo, contém o sentido projetual de se buscar no desenho futuro uma condição de realização, hoje, agora. Nosso trabalho foi pensado assim e, ao mesmo tempo, em termos de trabalho de arquiteto. O trabalho do arquiteto que usa no desenho algo que ainda é ficção, que está lá na frente. O projeto que transforma essa possibilidade em objeto social, de cultura." ■

JOSÉ WOLF

Equipe técnica

Arquitetos: Humberto Magalhães Carneiro, Heloisa Gama de Oliveira, Marília Dalva Magalhães Carneiro e Willian Sidney
Colaboradores: Cláudio Parreiras Reis e Sérgio Augusto Santos Vasconcelos

projeto

Cr$ 550,00

135

Revista brasileira de arquitetura, planejamento, desenho industrial, construção

ISSN 0101-1766

INFLUÊNCIAS, RAÍZES
E FORÇA DA ARQUITETURA
NO INTERIOR DO PAÍS

UMA HOMENAGEM
E UM TEXTO INÉDITO
DE EDGAR GRAEFF

TRÊS PROJETOS NO
CONTEXTO
DA CULTURA COLOMBIANA

projeto
18
ANOS

Premiação

Real e utópico no problema habitacional

A equipe coordenada pelo arquiteto Humberto Magalhães Carneiro venceu o 5.º Prêmio Brasilit de Arquitetura (PBA), que, este ano, teve como tema "Crise Habitacional - Utopia e Realidade". O trabalho da equipe de Carneiro propôs um projeto de ocupação na região metropolitana de Belo Horizonte, a partir da análise das diversas tipologias das habitações populares. Ele concorreu com mais cinco finalistas.

"O prêmio se caracterizou por uma mudança de postura do arquiteto", diz o consultor da premiação, José Carlos Ribeiro de Almeida. Vários dos 33 trabalhos concorrentes propuseram tipologias habitacionais formuladas junto à população e abrangendo suas diversidades. "Antes havia uma teorização acadêmica desse tema, hoje arquitetos estão solucionando essa necessidade", acredita Almeida.

O 5.º PBA, que é promovido pelo Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) e pela Brasilit, não especificou um lugar para o desenvolvimento do tema. Assim, foram apresentados projetos e monografias com diversos enfoques. Coube ao júri estabelecer critérios como qualidade, singularidade e coerência na proposição para analisar as propostas. "Também analisamos a contribuição que o trabalho estava dando para a solução do problema habitacional", lembra Almeida.

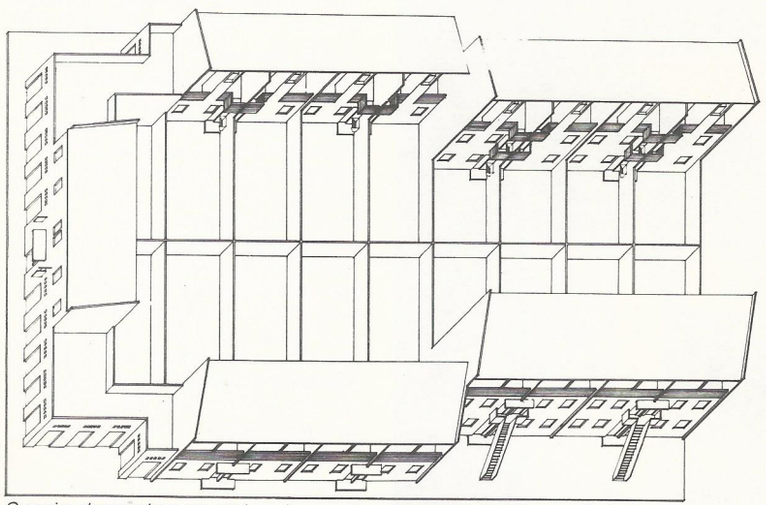
A equipe vencedora, formada por Carneiro, Heloísa Gama de Oliveira, Marília Dalva Magalhães Carneiro e William Sidney, desenvolveu proposta de assentamentos populacionais em periferias urbanas. "Procuramos enfatizar a morfologia urbana e a tipologia habitacional", diz Carneiro. Esta proposta global foi especificada num vazio urbano de Justinópolis, bairro da periferia da Grande Belo Horizonte. "Estruturamos um projeto que considera as tipologias já existentes e traz a contribuição da arquitetura na área social", explica Carneiro. O projeto tem sete tipologias diferenciadas, propondo desde lotes idealizados pela população até modelos abertos de habitação.

ARQUIVO BRASILIT

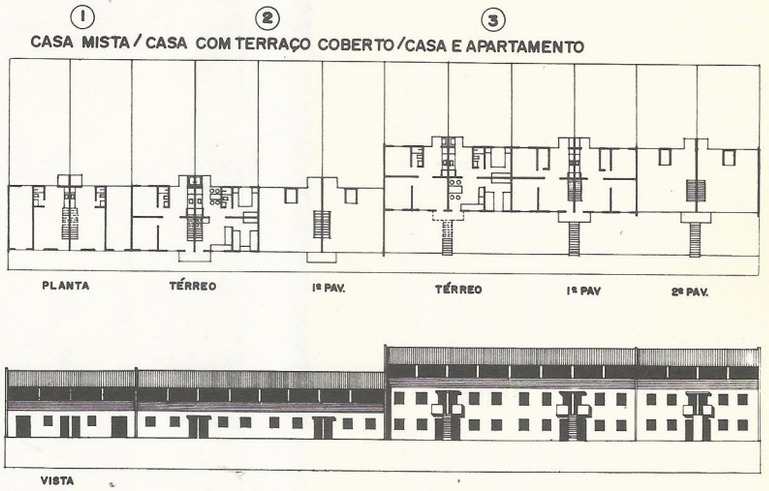
A equipe vencedora: Heloísa Oliveira, Humberto Carneiro, Marília Dalva Carneiro e William Sidney.

A comissão julgadora, formada pelos arquitetos Carlos M. Fayet, Décio Tozzi, Luiz Paulo Conde, José Neudson Braga e Pedro de Mello Saraiva, também escolheu os trabalhos de Maurício Azubel, Maria Cristina Schichi, Demetre Anastassakis, Eunice Vianna e Joel Campolina como finalistas. Azubel desenvolveu uma barcaça capaz de levar atividades culturais às populações ribeirinhas da bacia do rio Guaíba que, em emergências como inundações, serviria para abrigo e hospital. Maria Cristina propôs a ocupação de áreas vazias da zona norte paulistana, através de conjuntos habitacionais de diversos tipos e espaços internos de convívio e comércio.

Demetre Anastassakis questionou os tabus criados pelo Sistema Financeiro da Habitação e demonstrou o erro de se construir na periferia quando é possível ocupar espaços urbanos centrais, que já dispõem de infra-estrutura. Eunice propôs um desenvolvimento autosustentado da vila agrícola Acrópole, na periferia de Curitiba; Joel elaborou uma ponte de pedestres ligando São Vicente a Samaritá, SP, e a implantação de um conjunto habitacional, garantindo a preservação do mangue local.



Carneiro desenvolveu um projeto de assentamento populacional na periferia de Belo Horizonte.



O projeto vencedor propõe diversas tipologias idealizadas a partir de levantamento das moradias já existentes.

As tipologias propostas pelos vencedores serão utilizadas em dois conjuntos habitacionais de Ipatinga, MG.